

Sarney encontra o lado bom do poder

por José Casado de São Paulo

No final de fevereiro, três dias antes de deflagrar a mais profunda revolução na economia nacional, um preocupado presidente José Sarney lamentava o acúmulo de problemas na sua mesa de trabalho. "Se existe um lado bom no poder, ainda não me mostraram", desabafou, depois de tomar sua habitual vitamina, durante um café da manhã no Palácio da Alvorada.

Existe, realmente, um lado bom no poder, e Sarney, agora, começa a desfrutá-lo na intimidade. Multidões nas ruas para saudá-lo, como aconteceu no último fim de semana em Mato Grosso do Sul, tornou-se uma cena comum. Mais reveladoras ainda são as pesquisas de opinião pública recebidas pelo Palácio do Planalto: o governo José Sarney alcançou um nível recorde de apoio político, sem paralelo na história recente do País.

O crédito na capacidade do governo de mudar para melhor a vida dos brasileiros chegou à média dos 80%, mesmo na parcela mais crítica e habitualmente mais mobilizada da população — a classe média. E o que demonstram, por exemplo, pesquisas recém-concluídas na Grande São Paulo por duas organizações diferentes: a InterScience Informação e Tecnologia Aplicada e a agência Standard, Ogilvy & Mather.

Nelas também fica claro que a classe média, hoje, acredita muito mais na capacidade do governo e dos órgãos públicos de resolver a crise econômica e social do País do que na ação dos partidos políticos.

(Continua na página 6)

GOVERNO

Sarney encontra o lado...

por José Casado de São Paulo (Continuação da 1ª página)

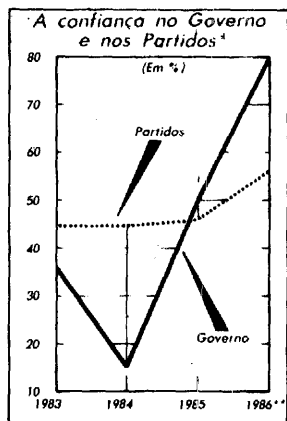
Aumentou a credibilidade na competência e na influência dos partidos para resolver a crise: 56% das pessoas entrevistadas disseram isso. E um avanço se forem considerados os índices dos últimos três anos, estáveis na faixa dos 45% — um período marcado pelo fim do ciclo de intervenção militar na política e construção de uma nova República.

Mas, ainda assim, o grau de confiança nos partidos é muito menor do que no governo (80%) e nos seus órgãos. A Superintendência Nacional do Abastecimento (Sunab) é um caso exemplar: seu descrédito era notório há dois meses, mas depois da reforma monetária, com uma enérgica intervenção na indústria e no comércio, sua credibilidade subiu para inéditos 66%, conforme a pesquisa da InterScience. Tem mais prestígio, atualmente, do que os partidos políticos.

Esses indicadores refletem uma mudança nos termos da equação do regime: "O presidente Sarney voltou a ser uma peça-chave na articulação do poder", constata o senador e sociólogo Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). Com a posse de um governo civil, de perfil liberal, após duas décadas de ditadura militar, os partidos nascidos de frentes políticas perderam sua identidade com parcela expressiva do eleitorado.

Como mostra a pesquisa da InterScience, no final do regime militar o grau de confiança da classe média nos partidos políticos era maior do que no governo. O crédito aos partidos situava-se em 45%; a credibilidade do governo João Figueiredo era de 36% (1983) e baixou para 16% (1984).

No primeiro ano da Nova



Fonte: InterScience
* Pesquisa com a classe média Grande São Paulo: 300 entrevistas
** Entrevistas feitas 15 dias após a reforma monetária

República a situação inverteu-se: a confiança nos partidos ficou estável, porém nos seis meses seguintes à morte do presidente Tancredo Neves — um momento de plena incerteza — o crédito ao governo cresceu quatro vezes. O governo José Sarney encerrou o ano passado com um nível de credibilidade acima dos partidos (56%) na sua capacidade de resolver a crise.

A inflação, nesse período, era crescente, mas, curiosamente, também crescia a esperança da classe média, manifesta nas pesquisas, de que ela cairia mais adiante, por ação do governo federal. "Muitos dos entrevistados faziam questão de nos dizer que o presidente deveria olhar o exemplo do Alfonsín, na Argentina", conta Paulo Secches, presidente da InterScience.

Com a reforma monetária, mudou o País — que passou a conhecer a desinflação — e também mudaram os temores da população. Na mesa do presidente da República, no final da semana passada, chegaram as últimas avaliações da InterScience sobre os novos fantasmas que assustam a classe média.

O principal deles, com

40% das indicações dos entrevistados na Grande São Paulo, é o temor de que o governo acabe não demonstrando firmeza e energia suficiente para levar o programa de estabilização da economia até o fim.

Em segundo lugar, com 22%, vem o receio de que os bancos, a indústria, o comércio e os sindicatos operários boicotem o Plano do Cruzado, com remarcações de preços, sonegação de mercadorias e greves por aumentos salariais. Por fim, com 8%, vem o temor de uma retomada da inflação e alta das taxas de juro.

Um quadro bastante diferente dos últimos quatro anos, quando as pesquisas sempre indicavam que a classe média se preocupava, principalmente, com o aumento da inflação, a violência urbana e o desemprego.

"Na realidade, o governo está sendo visto como o maior partido político do País", nota Paulo Secches, "e com potencial de ser extremamente forte desde que mantenha a coerência."

Não há dúvidas de que o governo assumiu a dianteira, admite o senador Fernando Henrique Cardoso. "Mais que isso, o presidente ficou igual ao rei Midas: tudo que toca vira ouro", diz, bem-humorado, o deputado Epitácio Cafeteira, antigo adversário, agora reconciliado com Sarney.

São muitos os exemplos da fraqueza dos partidos políticos, nesta época de governo forte. O ministro Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil e líder nacional do PFL, tem citado dois básicos: a ausência de propostas partidárias à Constituinte e o lançamento de candidatos como o empresário Antônio Ermírio de Moraes, em São Paulo, que se colocam acima dos partidos.

O próprio presidente Jo-

sé Sarney tem repetido que o quadro partidário deve alterar-se, de forma profunda, na Constituinte. O senador Pedro Simon, presidente interino do PMDB, concorda: "Ali vão aflorar os conflitos de interesse e as definições ideológicas que permitirão um novo arranjo".

Nota-se, também, uma tendência ao crescimento dos políticos desvinculados dos partidos neste momento. "As recentes pesquisas indicam que o voto na Constituinte deve dirigir-se muito mais para personalidades que se colocam acima dos partidos, não mantendo vinculação orgânica com essas instituições", observa. "Não ter partido, agora, não representa um problema, mas uma solução, desde que se assumam essa posição de forma clara."

A ascensão desses "outsiders" na política deve ser acompanhada pelo crescimento do prestígio de entidades novas, informais, que servem de instrumento de reaglutinação espontânea das comunidades, como é o caso das associações de bairro, segundo as pesquisas.

Mas, por enquanto, o presidente Sarney continua ocupando um papel ímpar na cena política nacional: não apenas mantém um nível recorde de popularidade e de credibilidade do seu governo como também ostenta dois títulos partidários que, de certa forma, o colocam na posição de mais ilustre "outsider" da política brasileira — o de presidente de honra do PMDB e de patrono do PFL.

Na história recente, só Getúlio Vargas conseguiu tanto, quando usou seu prestígio popular para controlar o PSD e o PTB. A diferença é que Vargas não era nordestino e nem um vice que, por manobras do destino, se tornou presidente.